



Sem Santos Cruz, governo Bolsonaro tende a se radicalizar, afirma analista

Para Marcos Nobre, professor de filosofia da Unicamp, avanço da extrema-direita representa ameaça à democracia

Imagem: Jardiel Carvalho/UOL



Wellington Ramalho
Do UOL, em São Paulo
18/06/2019 04h01



A demissão do general Carlos Alberto dos Santos Cruz da Secretaria de Governo fortalece o ministro-chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, e abre um espaço maior para radicalizações na gestão **Jair Bolsonaro** (PSL). A avaliação é feita por Marcos Nobre, professor de filosofia da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e autor do livro "Imobilismo em Movimento. Da Redemocratização ao Governo Dilma".

Para o pesquisador, a decisão de Bolsonaro de demitir o general muda a

correlação de forças no Palácio do Planalto e torna mais difícil o papel que militares assumiram de organizar e conter o governo.

Veja também

[Congresso vê troca de Santos Cruz como vitória de 'ala ideológica'](#)

[Demissão de general Santos Cruz divide setor privado](#)

[Brasil é caldeirão prestes a explodir, afirma presidente da OAB](#)

Nobre classifica Bolsonaro como representante da extrema-direita e o considera um risco à democracia. Apesar da vitória em 2018, o presidente e a extrema-direita são minoritários na preferência do eleitorado brasileiro, argumenta Marcos Nobre. "Bolsonaro surfou uma onda que era muito maior do que ele [na eleição presidencial]".

Em sua opinião, a democracia ficará sob ameaça caso partidos de direita decidam aderir ao governo. "O único projeto que esse grupo de extrema-direita liderado pelo presidente tem é de hegemonia, se consolidar no poder e conseguir ser duradouro no poder".

Para o professor da Unicamp, Bolsonaro busca preservar seu núcleo duro de apoio e mobilização e ao mesmo tempo atrair a direita tentando convencê-la de que uma plataforma de extrema-direita é o único caminho para que ela se consolide no poder e impeça a reorganização da esquerda

De acordo com o analista, o presidente não tem tanta pressa na aprovação da [reforma da Previdência](#). Se ela demorar alguns meses, explica o professor, o presidente chegaria a 2020 com mais condições de alavancar o desempenho de aliados nas eleições municipais, elemento imprescindível para convencer a direita a apoiá-lo nos anos seguintes.

Marcos Nobre assumiu recentemente a presidência do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), instituição criada há 50 anos por professores, como o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), afastados das universidades pela ditadura militar.

Confira abaixo os principais trechos de entrevista que ele concedeu ao **UOL**.

UOL - O sr. afirma em artigos que as instituições estão operando de forma disfuncional no Brasil. Quando e como isto começou a acontecer?

Marcos Nobre - O sinal de alerta para o sistema político foi junho de 2013, mas o sistema político não entendeu que precisava se autorreformular de maneira profunda. Enfiou a cabeça embaixo da terra e falou: "essa onda de insatisfação em algum momento vai passar".

No momento em que o candidato derrotado [Aécio Neves, no segundo da eleição presidencial de 2014] não só levantou a suspeita de fraude como entrou com uma ação com suspeita da urna eletrônica, começou um movimento incontível. Aécio Neves (PSDB) achou que aquela energia que tinha saído de junho de 2013 iria apoiá-lo. Acontece que aquela energia se dissipou por vários caminhos, e não necessariamente foi para ele, muito menos para o governo [Michel] Temer (MDB).

A Lava Jato se pôs como representante da reforma do sistema político, coisa que o Judiciário não pode fazer. Ele não foi feito para isso.

A disfunção começa aí. Você tem um candidato derrotado que não aceita a derrota, que não aceita as regras do jogo, tem uma energia social que está dispersa e que é vampirizada por uma parte do Judiciário, que promete uma coisa que não pode entregar, que é a reforma política.

O sr. também afirma que o presidente Bolsonaro depende do colapso das instituições para se manter. Por que, na sua opinião, Bolsonaro foi o candidato do colapso e não um símbolo da nova política?

Ele se elegeu por causa desse colapso. Principalmente depois da facada [sofrida durante a campanha eleitoral], ele conseguiu carrear para a candidatura dele grupos do eleitorado muito distintos. Claro que uma pessoa pode pertencer a diferentes grupos, mas você tem o lava-jatismo, o antipetismo, o conservadorismo de costumes, o pedido de lei e ordem, o pessoal que votava nulo, o pessoal que se abstinha. Muitos desses

segmentos confluíram para uma mesma candidatura. Essa confluência foi única. O candidato Bolsonaro entrou exatamente na janela do tempo que era a janela do colapso institucional.

Ele surfou uma onda que era muito maior do que ele. A parcela da população brasileira de extrema-direita é muito menor do que os votos que ele recebeu.

No governo, ele vai ter de fazer a transição para a institucionalização. Ainda estamos para ver como e quando. Mas é um movimento politicamente muito difícil de fazer. Como é que você sai de candidato antiestablishment para um candidato institucionalizado?



Jair Bolsonaro, então candidato, em ato de campanha em Juiz de Fora (MG), antes de ser atingido por uma facada (6.set.2018)

Imagem: Rafaela Frutuoso/Diário Reginal JS

Quais os dilemas desta situação para o país?

Existe uma situação objetiva de impasse. Porque você está numa situação em que o presidente é minoritário e luta contra o sistema. É um governo antiestablishment, que é uma coisa paradoxal. Tudo aquilo que é identificado com o sistema político está na defensiva.

Ele [Bolsonaro] fez uma aliança com setores das Forças Armadas que aceitaram fazer o papel de estabilizadores do governo. Um papel de conter esse movimento extremista por parte do Bolsonaro, tanto no sentido das

ações dele como no sentido de preservar o Estado brasileiro. Essa parcela das Forças Armadas sentiu que era sua responsabilidade vertebrar esse governo.

Como o Bolsonaro pode fazer para se manter no poder? Precisa conseguir uma aliança com a direita, convencer a direita democrática de que ele é a verdadeira possibilidade de a direita se manter no poder de maneira duradoura, que ele é que tem voto.

Por isso essa tarefa do ministro Onyx Lorenzoni [da Casa Civil], que é de tentar trazer o Democratas para a aliança de governo. Tentou isso novamente com o governador Ronaldo Caiado [de Goiás] na convenção do Democratas, e **não obtiveram essa adesão**.

Ele [Bolsonaro] usa essa mobilização de redes [sociais] e o que ele chama de nova política para chantagear a direita e dizer: ou vocês se integram nesse projeto ou vão ficar no deserto eleitoral e institucional. Por isso o bate e assopra. Ele bate e assopra o tempo inteiro, principalmente com a figura do [presidente da Câmara] Rodrigo Maia (DEM-RJ), que responde na mesma moeda. É um bate e assopra dos dois lados.

O DEM é um partido altamente simbólico porque representa a direita brasileira. A questão toda é para onde vai a direita brasileira. O risco é que a direita democrática decida que é viável fazer coalizão com uma pessoa de extrema-direita como é o Bolsonaro. Isso é um risco muito grande para a democracia brasileira.

Como se configura esse risco para a democracia?

É como se configura na Hungria, na Polônia. Ou seja, a extrema-direita chega ao poder pela via eleitoral e uma vez no poder vai destruindo a democracia de dentro.

Bolsonaro sabe que chegou ao poder por uma janela muito especial no tempo, por uma coincidência de força, uma confluência de movimentos que não necessariamente desaguiariam nele se não tivesse toda essa conjunção histórica desde 2013. Ele sabe que precisa primeiro conquistar a direita para poder fincar um governo que seja de direita mas com liderança da extrema-direita.

A partir daí a coisa fica muito mais preocupante porque solapar a democracia de dentro é o que a gente tem visto no mundo inteiro. As democracias não são solapadas de fora, não tem golpe, tanque na rua, nada disso. A democracia é corroída por dentro, quando você começa a mudar o STF (Supremo Tribunal Federal), controlar meios de comunicação etc.

Que análise o sr. faz da demissão do general Santos Cruz da Secretaria de Governo? Para onde caminha o governo?

Esse governo possui dois polos: um que chamo de mobilizador e um que chamo de organizador [representado pelos militares]. O polo mobilizador tem várias vertentes, como a olavista, embora o [escritor] Olavo de Carvalho não tenha relevância. Tem outra que é eleitoral, pensando em 2020. Essa parte da mobilização com vistas à eleição é canalizada pelo ministro [Onyx] Lorenzoni [da Casa Civil]. Antes você tinha o polo mobilizador e o polo organizador mais ou menos em pé de igualdade, e agora a balança pesou mais para o lado do polo mobilizador.

O objetivo do Lorenzoni é atrair a direita, é demonstrar que só um governo de extrema-direita pode manter a direita no poder e evitar uma volta da esquerda. Para isso, [o governo] precisa demonstrar força eleitoral nas eleições [municipais] de 2020. Para atrair a direita e para ter força eleitoral, ele precisa ter alguma base partidária que ele não tem no PSL. Ele quer atrair o Democratas.

Quem é oposição a essa adesão do DEM ao governo? Principalmente Rodrigo Maia e [o presidente do DEM e prefeito de Salvador] ACM Neto. O Santos Cruz era alguém que dava força para o Rodrigo Maia e indiretamente para o ACM Neto. Então, [a demissão de Santos Cruz] é uma vitória enorme do Lorenzoni sobre o polo organizador.

Vamos ver como esse **novo ministro** [o também general Luiz Eduardo Ramos] vai se comportar, mas em princípio o que consegui entender é que ele vai trabalhar afinado com o Lorenzoni. [A demissão de Santos Cruz] fortalece o Lorenzoni e, portanto, o jogo para cima do Rodrigo Maia e do ACM Neto vai ser mais pesado. É uma espécie de tentativa de comer o DEM pelas bordas. Até o momento em que Maia e ACM Neto se sintam compelidos a apoiar o governo.

Isso [também] foi preparado pela **demissão dos deputados não eleitos que estavam na Casa Civil** e que agora vão ser substituídos por figuras ligadas ao DEM.

A substituição do Santos Cruz, embora o próprio não soubesse, foi preparada muito tempo antes. Eles aproveitaram a "vaza jato", a divulgação das conversas do [Sergio] Moro [ministro da Justiça], para fazer essa operação. Eles abafam a grande mudança política desse governo. É a primeira vez que a gente vê a consolidação do núcleo de poder. O núcleo de poder está fortalecendo o polo mobilizador. Ou seja, o polo organizador está a reboque do polo mobilizador.

As Forças Armadas correm riscos com uma presença tão grande de militares nos primeiros escalões do governo?

Os militares têm a função de organizar e conter [o governo]. A estratégia de contenção ficou muito mais difícil. Eles não podem simplesmente sair do governo, e o projeto de radicalização que o Lorenzoni vai colocar em marcha é uma coisa deletéria para a própria organização militar.

Ficar [no governo] tem um custo muito alto. O polo organizador que achou que ia conter o Bolsonaro e que ia dirigir o governo dele agora está a reboque dele e do polo mobilizador. Mudou a correlação de forças entre os polos. O polo mobilizador agora está dando as cartas.

O núcleo de poder de todo governo se consolida depois de mais ou menos seis meses. O fato de isso [a demissão de Santos Cruz] acontecer exatamente no sexto mês é um sinal de que o ministro Lorenzoni ganhou a parada do ponto de vista interno. Isso coloca os militares numa situação muito difícil. É preciso saber como o Alto Comando [das Forças Armadas] vai reagir ao longo do tempo.

Se o projeto do Lorenzoni se aprofundar, [os militares] vão ter que encontrar uma maneira de sair honrosamente do governo ou de ganhar a luta contra o polo mobilizador. Não sei como o polo organizador vai poder reverter essa derrota.

Sem a presença do general Santos Cruz, o sr. acredita que a tendência é que haja mais espaço para radicalizações no governo?

Isso, [a tendência é que haja] um espaço maior para a radicalização.

Quais seriam as pautas prioritárias do campo da extrema-direita no Brasil?

Não creio que exista de fato um projeto muito preciso.

O único projeto que esse grupo de extrema-direita liderado pelo presidente tem é de hegemonia, se consolidar no poder e conseguir ser duradouro no poder.

Toda aquela caricatura que o Bolsonaro sempre fez da esquerda como sendo aquele grupo minoritário que quer chegar ao poder e estabelecer sua hegemonia é exatamente o projeto dele. Ele repete a caricatura que ele próprio fez do que seria a esquerda.

Não é só que ele não tem projeto, ele não pode ter projeto porque ele precisa da adesão da direita para chegar a um projeto mais determinado. Ele quer poder liderar esse processo e que haja um acordo entre a extrema-direita e a direita. Essa é a proposta que ele está fazendo. Ele está fazendo uma proposta de fazer uma coalizão. Ele está negociando um pouco duro demais, mas o objetivo é esse.

Como fica a proposta de reforma da Previdência nesse cenário que o sr. descreve?

A impressão que fica é que o governo Bolsonaro precisa ganhar tempo para chegar até a eleição de 2020 e provar para a direita que ele é eleitoralmente atrativo.

Para isso, quanto mais demorar a reforma da Previdência melhor porque fica mais perto de 2020. Enquanto todo mundo fica preocupado com a reforma da Previdência, Bolsonaro vai mobilizando e preparando suas redes para a eleição [municipal] de 2020 que é quando ele quer demonstrar seu potencial eleitoral para a direita.

O único projeto que ele tem é eleitoral porque ele sabe que o projeto político que ele tem não é majoritário no eleitorado brasileiro. Então ele precisa ter mais força eleitoral para poder tentar impor esse programa, tentar obrigar a direita a aderir a essa estratégia de se manter no poder.

Justamente para atrair a direita, o governo Bolsonaro precisa dar a impressão de que o seu governo está em disputa, de que ele está aberto a uma negociação com essas forças nos termos dele, que ele chama de nova política. Evidentemente, não é nova política. É simplesmente a política do colapso.

Ele está tentando adiar as coisas enquanto puder. Na Câmara e no Senado, já perceberam que esse é o movimento dele. Por isso que começaram a perguntar qual é a agenda que vem depois da Previdência.

Se, na sua visão, o governo não tem tanta pressa para aprovar a reforma da Previdência, ter maioria no Congresso não seria importante neste momento?

Não [seria], é irrelevante. Até ajuda não ter maioria. Não diria o governo porque o Paulo Guedes [ministro da Economia] tem interesse. Quem não tem interesse é o Bolsonaro. Então, o fato de ser desorganizado no Congresso é bom para o projeto político do Bolsonaro.

Quando o Bolsonaro terceirizou o governo na economia, terceirizou de verdade no sentido de que disse ao Paulo Guedes: "é necessário fazer uma reforma da Previdência? Ótimo, problema seu, não é meu problema aprovar a reforma". O custo para ele [Bolsonaro] é muito baixo porque não é ele que

quer.

O Bolsonaro tem essa característica e essa capacidade de comunicação, de dizer para a população: "olha, estou aqui de mãos atadas, estou fazendo o meu melhor, dentro desse sistema podre". Ele aparece como aquele cara que parece burro, mas não é, aquele sujeito que, dentro do sistema político, joga de maneira esperta.



Na opinião do professor da Unicamp, demora na aprovação da reforma da Previdência interessa a Bolsonaro
Imagem: Jardiel Carvalho/UOL

Há uma movimentação antecipada pela eleição presidencial de 2022? Qual seria a causa desta movimentação?

O fato de você ter um governo minoritário e um presidente extremista antecipou muito a sucessão. O governo não é de extrema-direita, mas é muito grave que o líder do governo seja de extrema-direita.

O governador [João] Doria [PSDB, de São Paulo] está tentando correr numa faixa limítrofe entre a direita e a extrema-direita e para isso está tentando a mesma estratégia do Lorenzoni, que é atrair o DEM. Para fazer isso, Doria resolveu seguir o caminho mais radical possível. Ele atacou diretamente o [ex-governador} Geraldo Alckmin. Está querendo dizer que os tucanos fundadores, aqueles têm uma relação com as origens do PSDB, não são mais bem-vindos no partido, a menos que façam o processo de adesão à candidatura dele.

Ele está levando o PSDB muito para direita. Ele é uma espécie de cópia do Bolsonaro em termos de estratégia e lógica.

A candidatura [Luciano] Huck é uma candidatura [de] direita clássica, ou seja, vai tentar reconstruir aquilo que sobrou da direita democrática e tentar concorrer dizendo que é candidato de centro-direita contra a extrema-direita. Então é uma estratégia diferente, mas mais difícil porque você não tem um partido [com] que se possa contar.

Huck acha que pode recolher os destroços do naufrágio da direita brasileira. O Doria não tem esse mesmo objetivo. Ele acha que os destroços da direita brasileira devem ser destroços mesmo, que a eleição do Bolsonaro mostraria que o Brasil está indo para a extrema-direita e o que ele pode oferecer é uma extrema-direita com desconto.

O sr. vê a esquerda preocupada com a situação e tentando dialogar com a direita?

Uma das tarefas importantes da esquerda democrática é convencer a direita democrática de que é possível reconstruir um campo comum a partir do qual seja possível fazer em novos termos a disputa política, ou seja, [realizar] um novo pacto democrático.

É necessário que a gente consiga fazer esse diálogo, estabelecer novas regras de convivência e competição política, um novo solo a partir do qual seja possível discordar. Isso vai ter que ser construído.

Vejo iniciativas ainda incipientes. São manifestos em que estão reunidas figuras de todos os espectros políticos [*ex-ministros do Meio Ambiente, da Educação e da Justiça se uniram para contestar medidas do governo*]. Mas a situação é muito difícil por uma razão simples. Quem ganha a eleição ganha uma coisa que é determinar o perdedor e seu lugar. Ao vencer, o Bolsonaro determinou o lugar de todos os outros como sendo o da velha política, como sendo do sistema, do toma-lá-dá-cá, da negociata.

Essa posição é muito complicada porque quem perdeu a eleição tem que

defender instituições que são indefensáveis do ponto de vista da maioria da população. É necessário defender as instituições mesmo no estado deplorável em que elas estão e simultaneamente pensar novas instituições que vão ser esse novo pacto democrático.

O sr. esperava tantas mobilizações contra e a favor do governo em apenas seis meses de governo? O que estas manifestações representam?

Isto é esperado em governos populistas que se apoiam numa parcela minoritária da população.

Bolsonaro não tem a pretensão de governar para a maioria. Ele tem a pretensão de governar para o bastião que permanece fiel a ele. Quando começa de fato o governo, ele se reduz à base que o apoia.

Isso tem dois efeitos. Essa base não é maioria, mas é mais aguerrida e mobilizada. E de outro lado a rejeição é enorme, um grupo maior, mas mais desorganizado.

As manifestações significam essa insatisfação da maioria da população com o governo e o presidente. Por outro lado, a gente tem que se perguntar qual é o saldo organizativo das manifestações. Ou seja, como é que essa insatisfação, esse descontentamento e essa rejeição ao governo Bolsonaro se transformam em algo positivo, em organização de fato. Porque do outro lado tem organização e tem governo.

Com as revelações das [conversas entre Sergio Moro e o procurador Deltan Dallagnol](#), coordenador da força-tarefa da Lava Jato, algo pode mudar na relação entre quem defende a liberdade do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e os protestos contra o governo Bolsonaro?

Tem muitos elementos aí. Um possível efeito dessas revelações feitas pelo The Intercept é uma redução da base de apoio da Lava Jato ao antipetismo.



Governo Bolsonaro quer coalizão com a direita e tenta comer o DEM pelas bordas, afirma Marcos Nobre
Imagem: Jardiel Carvalho/UOL

É muito possível que isso aconteça.

Agora o fato de reduzir a base não significa que fica menos importante. Pode ter um efeito inesperado de aumentar o aguerrimento, e inclusive de voltar um elemento que parecia afastado, que era o "outro do Bolsonaro". Ou seja, o Bolsonaro de novo ter seu grande inimigo, poder de novo dizer: "está vendo? É real a ameaça de que o Lula e o PT voltem". Que é uma coisa que tinha saído do horizonte.

A questão do "Lula Livre" é a questão da sobrevivência do PT. O PT estabeleceu para si uma estratégia de manter todos os seus escudos e todas a sua fortaleza montada para se defender. A coisa de reforçar internamente o partido, a identidade do partido. Não é uma estratégia que te permita crescer, mas é uma estratégia.

Do ponto de vista da defesa da democracia brasileira, as conversas têm que ser muito mais amplas. Espero que todas as forças democráticas, não só o PT, saibam mesclar duas coisas. O fato de estarem sob ataque não impede que você estabeleça pontes e conversas com outras forças ao mesmo tempo. O clima é de muita desconfiança e muito ceticismo, mas o momento é grave demais para vacilar.

Como fica a situação do ministro Moro depois da divulgação das conversas?

Reforça a ideia de que ou Moro é candidato a presidente ou não é candidato a nada. Ele está acuado. Vai perder uma parte da base de apoio

popular que tinha. A declaração do Bolsonaro sobre o evangélico no STF *[no fim de maio, durante encontro na Assembleia de Deus, em Goiânia, o presidente questionou se não estava na hora de o Supremo Tribunal Federal ter um ministro assumidamente evangélico]* é já uma sinalização de "[vaga no] STF, não". E foi antes disso.

A candidatura presidencial [de Moro] dependeria de um desastre de popularidade do Bolsonaro no final do mandato. Então, ele [Moro] está amarrado. Não pode sair do governo, não pode ir para o STF, a candidatura presidencial seria em condições completamente adversas.

Surgiu algo realmente novo na política entre o ano passado e este, com o início dos mandatos? O sr. viu algo que valha menção?

Valer menção não necessariamente é positivo. Os destaques dessa nova legislatura, especialmente na Câmara, foram os lives *[transmissões ao vivo feitas pelos deputados com seus celulares]* e essa ideia de que seria possível fazer consultas para votações específicas.

Isso nitidamente é uma coisa deletéria porque você está abrindo mão do debate com as outras forças políticas. Você está querendo dizer que existe uma relação com o eleitorado que não passa pela conversa com os outros parlamentares. Ou seja, [está querendo dizer] que você não pode ser convencido por argumentos e que não pode convencer seu eleitorado de que essa é a melhor posição. Porque também é uma função do representante dizer: "eu tinha uma posição assim, mas fui convencido da posição contrária e quero convencer vocês disso também porque os dados que me deram são esses daqui".

Tem toda uma função da representação que não é simplesmente uma coisa instantânea, de paredão de "BBB (Big Brother Brasil)", que é não só de discutir com o seu eleitorado, mas discutir também com os seus pares, que são outros representantes [da população].

O sr. assumiu a presidência da Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento). Qual o papel do Cebrap no contexto atual?

Agora falando como presidente. O Cebrap guarda uma memória de 50 anos e essa memória começa pelo fato de ter sido criado durante a ditadura

militar como um centro de pesquisa pensado num contexto em que fazer pesquisa e entender o país fazia parte de resistir ao autoritarismo. A ciência e o conhecimento sempre vão ser contra o autoritarismo.

O Cebrap guarda essa memória e essa prática, que hoje são mais necessárias do que nunca, quando justamente a complexidade do mundo e a complexidade da compreensão do mundo, do conhecimento e da ciência estão em risco porque estão sendo desvalorizadas.

Continuamos com os mesmos ideais, com as mesmas práticas, a mesma busca do conhecimento, com a mesma paixão pela pesquisa.

COMUNICAR ERRO 

As mais lidas agora



Plano Real, que deu fim à hiperinflação no país, completa 25 anos



Pedro Scooby vira "fã" e acompanha show de Anitta no VillaMix Goiânia



Os carros que serão lançados no 2º semestre de 2019

Conteúdo

O seguri entende intestino

81 Comentários



▼ Escreva seu comentário*

* Ao comentar você concorda com os termos de uso. Os comentários não representam a opinião do portal, a responsabilidade é do autor da mensagem. [Leia os termos de uso](#)



Rick987 2 semanas atrás

Só uma coisa é clara e cristalina, você é de EXTREMA ESQUERDA, toda sua retórica afirma isso, você pode até não se achar, normalmente quem é não sabe que é ou não assume que é, mas basta falar ou digitar que o extremismo aflora.

👍 0 | Responder | 



Joao Carlos 2 semanas atrás

Faltou fazer menção de que o PT a seu modo também deletério, buscou alcançar a hegemonia política. Até tentou matar o PMDB. PT não tem moral para julgar hegemomista ou populista nenhum. Supondo que o Pt conseguisse voltar ao poder logo agora em 2019, iria mudar, ao menos, a cartilha administrativa ou iria apostar mais e mais alto naquela agenda que tanto conseguia ser pseudo-esquerdistas como pseudo liberal. Não à toa conseguiu nos mergulhar nessa crise financeira e política também. O

STF pervertido é cria do PT; O "lavajatismo" e suas mazelas , em última instância, é consequência do PT e suas ameaças veladas à democracia. Como disse um autor desconhecido "Eles não esquecem nada e não aprendem nada" e o Pt , parece, não se toca em mudar isso. Como podemos aceitar esse partido como coordenador-chefe de mudanças? Pode continuar como oposição, mas oposição responsável, viu?

👍 1 | Responder | 🚩

VER MAIS COMENTÁRIOS ▾

Mais Notícias



do UOL

Córrego com água roxa surpreende moradores de cidade da Grande São Paulo

Os moradores de Itaquaquecetuba, na Grande São Paulo, foram surpreendidos no último sábado (29) ao verem a água do

01/07/2019 15h18



UOL Notícias - Política

Moro vai à Câmara amanhã explicar conversas com membros da Lava Jato

O ministro da Justiça e Segurança Pública, Sergio Moro, deverá ir amanhã à Câmara prestar esclarecimentos sobre...

01/07/2019 15h07

Reuters

Brasil tem superávit comercial de US\$5,019 bi em junho

BRASÍLIA (Reuters) - O Brasil registrou superávit comercial de 5,019 bilhões de dólares em junho, divulgou o...

01/07/2019 15h06

Reuters

Emissões de CO2 de usinas elétricas ameaçam metas contra aquecimento global, diz estudo

Por Nina Chestney

01/07/2019 15h03

Agência Brasil

Governo anuncia novas regras para dar eficiência a serviço de recall

Apenas 48% dos consumidores atendem aos chamados de recall de automóveis. No caso de caminhões, este percentual...

01/07/2019 15h01

Estadão Conteúdo - Política

Juiz nega pedido de Aécio e manda inquérito sobre R\$ 2 mi da JBS ficar em SP

01/07/2019 15h01



do UOL

Imagem modificada faz cartaz pró-Bolsonaro virar mensagem falsa sobre Moro

Diversas fotos foram divulgadas sobre as manifestações de apoio ao ministro Sergio Moro, da Justiça e Segurança...

01/07/2019 14h59

DW

Opinião: Sea-Watch 3, provocação desnecessária de ambos os lados

Após prisão de capitã alemã que aportou navio com migrantes em Lampedusa, Salvini reforça seu discurso...

01/07/2019 14h59

EFE

Ex-diretor do FMI, Rodrigo Rato será julgado por corrupção, fraude e lavagem

Madri, 1 jul (EFE).- O ex-diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Rodrigo Rato (2004-2007),...

01/07/2019 14h58

Reuters

Cerca de 60 manifestantes ocupam trecho de estrada de ferro da Vale no Espírito Santo

RIO DE JANEIRO (Reuters) - A Vale informou que cerca de 60 manifestantes ocuparam nesta segunda-feira a Estrada de

01/07/2019 14h57

AFP

Ataque do Talibã deixa 6 mortos e 50 crianças feridas em Cabul

Cabul, 1 Jul 2019 (AFP) - Pelo menos seis pessoas morreram e cerca de 50 crianças ficaram feridas na explosão de...

01/07/2019 14h57

Estadão Conteúdo

Acordo Mercosul-UE quer facilitar acesso ao mercado de licitações entre os blocos

01/07/2019 14h55



UOL Notícias - Cotidiano

Vídeo mostra ação de atirador que matou 4 pessoas em bar de Belford Roxo

Imagens de câmeras de segurança do bar onde quatro pessoas morreram e outras 13 ficaram feridas após um homem...

01/07/2019 14h54

ANSA - Internacional

Salvini diz que expulsará capitã de navio de migrantes

ROMA, 1 JUL (ANSA) - O vice-premier e ministro do Interior da Itália, Matteo Salvini, disse nesta segunda-feira...

01/07/2019 14h52

BBC News Brasil - Internacional

Hong Kong: Quais são as motivações dos protestos que



marcaram o aniversário de devolução do território à China

Manifestantes forçaram a entrada no Parlamento de Hong Kong nesta segunda-feira, em mais um dos protestos que...

01/07/2019 14h49

AFP

Manifestantes invadem Parlamento em Hong Kong e polícia reage

Hong Kong, 1 Jul 2019 (AFP) - Ativistas contrários ao governo invadiram o Parlamento de Hong Kong nesta...

01/07/2019 14h48

EFE

Opositor russo Alexei Navalny é condenado a 10 dias de prisão domiciliar

Moscou, 1 jul (EFE). - Um tribunal de Moscou condenou a dez dias de detenção administrativa o blogueiro opositor...

01/07/2019 14h46

Estadão Conteúdo

Mercosul vai liberalizar taxas em carros, maquinário, químicos e fármacos

01/07/2019 14h42

Bloomberg

Mais ricos da França lideram ganhos de patrimônio no 1º semestre

(Bloomberg) -- O descontentamento dos cidadãos continuou a dominar as ruas da França no primeiro semestre, com...

01/07/2019 14h41

Estadão Conteúdo

Mulher morre ao colidir em pilastra na rodovia Hélio Smidt

01/07/2019 14h39

Reuters

Calor crescente pode custar 80 milhões de empregos até 2030, diz ONU

Por Lin Taylor

01/07/2019 14h34



Estadão Conteúdo

Baleia jubarte se aproxima de banhistas na Barra da Tijuca; assista

Apesar de frequentar a praia da Barra da Tijuca há 20 anos, o kitesurista Giovanni Mancuso, de 27 anos, jamais...

01/07/2019 14h32

EFE

Acidente com micro-ônibus deixa 35 mortos e 17 feridos na Índia

Srinagar (Índia), 1 jul (EFE).- Pelo menos 35 pessoas morreram e outras 17 ficaram feridas depois que um...

01/07/2019 14h31

Reuters

Governo holandês não menciona restrição à Huawei em implantação de redes 5G

AMSTERDÃ (Reuters) - O governo da Holanda vai forçar as empresas de telecomunicações a analisar seus fornecedores...

01/07/2019 14h29

EFE

EUA afirmam que lançaram ataque contra supostos alvos da Al Qaeda na Síria

Washington, 1 jul (EFE).- Os Estados Unidos lançaram no domingo um ataque no norte da Síria contra um grupo...

01/07/2019 14h22



Confira resultado do Vestibular 2019/2 do Cederj

01/07/2019 14h20

Reuters

ONU cobra investigação independente sobre morte de capitão venezuelano preso

GENEBRA (Reuters) - As autoridades venezuelanas devem conduzir uma investigação independente e transparente sobre...

01/07/2019 14h20



Estadão Conteúdo - Política

Toffoli diz ver avanços em projeto que criminaliza abuso de autoridade

O presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), ministro Dias Toffoli, disse hoje que, embora não concorde com o...

01/07/2019 14h20

Reuters

Mortes de animais com gripe suína na China podem ser o dobro do número oficial

Por Dominique Patton e Hallie Gu

01/07/2019 14h17

Reuters

Petrobras deve lançar venda de mais 4 refinarias até início de agosto, diz CEO

RIO DE JANEIRO (Reuters) - A Petrobras deverá anunciar processo para a venda de mais quatro refinarias até o...

01/07/2019 14h16

EFE

Paraguai promete "mentalidade estratégica" em negociação de Itaipu

Assunção, 1 jul (EFE).- O presidente do Paraguai, Mario Abdo Benítez, prometeu nesta segunda-feira uma...

01/07/2019 14h16

Bloomberg

Poder do Google e Amazon ameaça independência de startups

(Bloomberg) -- Depois de uma seca de um ano, várias startups de tecnologia - Uber, Lyft, Pinterest, entre outras -

01/07/2019 14h15

BBC News Brasil - Internacional

Hong Kong: Quais são as motivações dos protestos que marcaram o aniversário de devolução do território à China

Manifestantes forçaram a entrada no Parlamento de Hong Kong nesta segunda-feira, em mais um dos protestos que...

01/07/2019 14h14

EFE

Acidente de ônibus deixa 13 mortos no norte da Argentina

Buenos Aires, 1 jul (EFE).- Pelo menos 13 pessoas morreram e cerca de 30 ficaram feridas na manhã desta...

01/07/2019 14h14



Estadão Conteúdo - Política

Presidente da Petrobras diz que pessoas criminosas tentam denegrir Moro

O presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco, homenageou nesta segunda (1º), o ministro da Justiça, Sergio...

01/07/2019 14h14



Cursinho 2019 gratuito da UFG abrirá inscrições para novas turmas

01/07/2019 14h08

Estadão Conteúdo - Política

Toffoli: quem se torna ministro do STF tem couro para aguentar qualquer crítica

01/07/2019 14h08

AFP

Novo economista-chefe do Banco Mundial para América Latina é uruguaio

Washington, 1 Jul 2019 (AFP) - O uruguaio Martín Rama lidera a partir desta segunda-feira (1º) o escritório do...

01/07/2019 14h04

Agência Brasil

Toffoli: chefia da PGR deve ser ocupada por subprocurador-geral

O presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Dias Toffoli, defendeu hoje (1º) como ideal que a chefia...

01/07/2019 14h01

EFE

Queda de helicóptero das Forças Armadas da Alemanha deixa um morto

Berlim, 1 jul (EFE).- Um helicóptero das Forças Armadas da Alemanha caiu nesta segunda-feira perto da cidade de...

01/07/2019 13h53

ANSA - Internacional

Manifestantes invadem Parlamento de Hong Kong

PEQUIM, 1 JUL (ANSA) - Manifestantes contrários ao governo de Hong Kong invadiram nesta segunda-feira (1) o...

01/07/2019 13h53



UOL Notícias - Política

Toffoli diz que invasões de hackers são questões de segurança de estado

O presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Dias Toffoli, avaliou os ataques hackers a conversas...

01/07/2019 13h52

Bloomberg

Inteligência artificial aperfeiçoa detector de mentiras humano

(Bloomberg) -- Cerca de quatro décadas atrás, a pesquisa do psicólogo americano Paul Ekman sobre expressões...

01/07/2019 13h51

Agência Brasil

Bandeira amarela: luz mais cara para partir desta segunda-feira

A conta de luz está mais cara a partir desta segunda-feira (1º), por causa da bandeira tarifária utilizada como...

01/07/2019 13h47

Reuters

Ações europeias sobem para máximas de quase 2 meses com negociações entre EUA e China

Por Susan Mathew e Amy Caren Daniel

01/07/2019 13h41

Reuters

Agências elevam rating da Usiminas após acordo com bancos

SÃO PAULO (Reuters) - A agência de classificação de risco Moody's informou nesta segunda-feira que elevou o rating

01/07/2019 13h40

ANSA - Internacional

Consulado em Milão lança cartilha para quem busca cidadania

SÃO PAULO, 01 JUL (ANSA) - O Consulado-Geral do Brasil em Milão lançou uma cartilha para orientar pessoas que...

01/07/2019 13h33

Bloomberg

Sem diploma universitário, jovens acumulam fortuna de US\$ 860 mi

(Bloomberg) -- Não completaram um único ano de faculdade, mas Henrique Dubugras, de 23 anos, e Pedro Franceschi,...

01/07/2019 13h31

[VER MAIS](#) 

[COMUNICAR ERRO](#) 

| Siga o BOL

